Lehmann

Alice dos Reis | Dayana Lucas
Diana Policarpo | João Gabriel
Marlon de Azambuja
tudo, somos um

21.11.2026 — 16.01.2027

PT

ES

EN

gallery@lehmanncontemporary.com
T +351 220 167 341

lehmanncontemporary.com

Lehmann

Alice dos Reis | Dayana Lucas
Diana Policarpo | João Gabriel
Marlon de Azambuja
tudo, somos um

21.11.2026 16.01.2027

[PT]

gallery@lehmanncontemporary.com
T +351 220 167 341
lehmanncontemporary.com

[PT]

tudo, somos um

Nove anos de LEHMANN

Nove anos.

Nove anos de exposições, encontros, conversas, descobertas, desacordos, perguntas, desafios e, acima de tudo, relações.

A 11 de novembro de 2017, inaugurámos a primeira exposição da LEHMANN. Ao assinalarmos o nono aniversário dessa inauguração, quis celebrar a ocasião com uma exposição que fosse, simultaneamente, uma celebração e uma oportunidade para refletir sobre aquilo que construímos em conjunto.

A ideia inicial era simples: trazer de volta a casa obras de cinco artistas que representamos e que, apesar de já terem sido apresentadas noutros lugares, nunca tinham sido expostas dentro das paredes da nossa galeria.

Três obras individuais, de Diana Policarpo, João Gabriel e Marlon de Azambuja, acompanharam-nos a feiras internacionais de arte durante 2025 e 2026. Uma quarta contribuição consiste numa seleção de seis bordados e um filme de dois canais de Alice dos Reis, provenientes da sua apresentação na Artissima 2026. A obra de Dayana Lucas, por sua vez, foi anteriormente apresentada no Centro Internacional das Artes José de Guimarães, em 2023.

Todas fizeram parte do nosso percurso artístico, mas nenhuma tinha tido a oportunidade de se encontrar com o nosso público aqui, no espaço onde se desenrolou grande parte da nossa história coletiva.

Quis reuni-las, dar-lhes um lugar dentro da galeria e, talvez, ao fazê-lo, trazer também de volta a casa algo da nossa própria história.

No entanto, à medida que comecei a considerar estas obras em conjunto, surgiu outra ideia.

O que inicialmente parecia ser uma reunião de obras com histórias, materiais, linguagens e intenções artísticas diferentes foi revelando, gradualmente, um fio condutor: a impossibilidade de existirmos inteiramente sozinhos.

E isso levou-me a pensar no que realmente representam estes nove anos da LEHMANN.

Porque, quando digo nós, não me refiro apenas à galeria nem àqueles que nela trabalham.

Refiro-me aos artistas, que sempre estiveram no centro de tudo o que fazemos. Refiro-me à nossa equipa, tanto àqueles que hoje nos acompanham como aos que o fizeram no passado, cuja dedicação, inteligência, paciência e entusiasmo tornaram tantas coisas possíveis. Refiro-me aos colecionadores que depositaram a sua confiança em nós, às instituições com as quais colaborámos, aos curadores, críticos, escritores e colegas de outras galerias com quem trocámos ideias.

Refiro-me aos nossos vizinhos, aos nossos amigos, às nossas famílias e a todas as pessoas que atravessaram as nossas portas, seja para adquirir uma obra, descobrir um artista, questionar uma ideia, fazer uma pergunta ou, simplesmente, passar algum tempo connosco.

Cada um contribuiu com alguma coisa.

Um esforço. Um gesto. Uma pergunta. Uma crítica. Uma palavra de incentivo. Um momento de generosidade.

E cada uma destas contribuições tornou-se parte daquilo que a LEHMANN é hoje.

A galeria não existiria tal como a conhecemos sem eles.

Neste sentido, *tudo, somos um* é, antes de mais, o reconhecimento de uma realização coletiva.

Mas as obras destes cinco artistas convidam-nos a levar esta reflexão consideravelmente mais longe.

MANY BECOME ONE — DIANA POLICARPO

A exposição começa ainda antes de entrarmos na galeria. Visível através da montra voltada para a rua, *Many Become One* (2026), de Diana Policarpo, pertencente à sua série *Cynara Complex*, emerge à medida que a luz do dia se desvanece e as tardes de outono se tornam mais escuras. Gosto de pensar nela como um farol: um pequeno e persistente ponto de luz que nos guia até um porto seguro, onde podemos encontrar-nos com os outros e reconhecer-nos como parte de algo maior.

Desenvolvida a partir de uma investigação sobre as consequências ecológicas da atividade mineira na região de Viseu, *Cynara Complex* explora as inter-relações entre a vida humana, as plantas, os microrganismos e os minerais. No centro desta investigação encontra-se a *Cynara cardunculus*, o cardo selvagem, uma planta resistente, capaz de sobreviver em terrenos degradados e de contribuir para a regeneração do solo.

Diana aborda a simbiose como uma condição fundamental da existência e mostra como a vida emerge através de inúmeros intercâmbios invisíveis de matéria, energia e informação.

Tal como um farol, a obra não dissipa a escuridão que a rodeia nem explica tudo aquilo que permanece para além da nossa perceção imediata. Em vez disso, oferece-nos um ponto de orientação a partir do qual podemos aproximar-nos de uma costa vasta e desconhecida.

TODOS SOMOS CANIBAIS — ALICE DOS REIS

Alice dos Reis aborda a unidade através da história, do tempo e, de forma inesperada, do canibalismo.

Na sua recente apresentação na Artissima, construiu uma ficção artística em torno do desaparecimento de *Saturno devorando um dos seus filhos*, de Francisco de Goya, do Museu Nacional do Prado.

O seu filme de dois canais, *O Prado | The Prado* (2026), é apresentado juntamente com ampulhetas bordadas e dispostas horizontalmente, como se o próprio tempo tivesse ficado suspenso, e bordados de maior formato que representam o sistema digestivo humano.

Aqui, o Prado torna-se uma metáfora de uma coleção canibal.

Os artistas sempre consumiram os seus predecessores, digerindo imagens, técnicas e contradições anteriores para produzir obras que as gerações futuras, inevitavelmente, consumirão por sua vez.

Nenhum gesto artístico surge do vazio.

Num sentido mais amplo, todos funcionamos desta forma: absorvemos os ensinamentos, os afetos e as histórias dos outros, transformando-os em algo que volta a integrar-se no mundo.

Os tratos digestivos bordados por Alice traçam círculos que nunca chegam a fechar-se completamente, deixando aberturas pelas quais as coisas podem entrar e sair.

Tal como o corpo ingere, transforma e expele, a criação artística converte aquilo que outrora esteve fora de nós em parte daquilo que somos, ao mesmo tempo que devolve aos outros uma parte de nós próprios.

O DESEJO DE NOS TORNARMOS UM — JOÃO GABRIEL

Com *Max* (2024), de João Gabriel, a exposição desloca-se para o território íntimo do desejo.

Dois jovens estão deitados juntos, numa nudez desprovida de defesas, rodeados de vermelhos, rosas e ocres quentes.

A pintura deixa deliberadamente por resolver se estamos a presenciar o instante imediatamente anterior a um abraço ou a quietude silenciosa que se lhe segue.

O que me atrai nesta obra é precisamente esse limiar suspenso, no qual duas pessoas partilham uma proximidade tão profunda que os limites entre elas começam a esbater-se.

O seu erotismo situa-se claramente no território da ternura e capta um instante em que a intensidade física dá lugar a uma revelação emocional.

O desejo é, frequentemente, o anseio de superar a distância que nos separa do outro: o desejo de que dois se tornem um, embora dois indivíduos nunca possam fundir-se literalmente.

Essa tensão é o que torna o desejo tão profundamente humano: o anseio por uma unidade que pode ser experimentada em instantes fugazes, sem jamais apagar as diferenças nem possuir permanentemente o outro.

ENTRAR NA NOITE — MARLON DE AZAMBUJA

Nocturna (2024), de Marlon de Azambuja, desloca a escala da intimidade de dois corpos para a imensidão do mundo natural.

Sobre uma escuridão quase absoluta, as folhas de uma floresta tropical emergem, sobrepõem-se e recuam, sem oferecer um horizonte, um caminho definido ou um ponto de observação tranquilizador.

Na floresta noturna, a visão perde a sua autoridade e torna-nos profundamente conscientes da nossa vulnerabilidade num ambiente cuja escala e cujos mistérios excedem a nossa capacidade de compreensão.

A floresta à noite provoca-nos frequentemente medo porque estamos habituados a considerar-nos observadores separados da natureza, confrontados com algo vasto e estranho.

No entanto, esse medo começa a transformar-se quando reconhecemos que os nossos próprios corpos, a nossa respiração e os nossos sentidos são expressões desse mesmo mundo vivo.

A escuridão permanece e a floresta continua imensa, mas estar dentro dela deixa de ser sentido como um confronto e transforma-se numa serena sensação de pertença.

TUDO, SOMOS UM — DAYANA LUCAS

A exposição retira o seu título de *ROKA-MÃE (Tudo)* (2020), de Dayana Lucas, uma pintura de duas faces.

Numa delas, linhas vermelhas traçam amplos gestos circulares que se aproximam e se sobrepõem sem nunca chegarem a tocar-se, conservando as suas trajetórias individuais enquanto formam um conjunto coerente.

No verso, surge uma frase escrita à mão: *tudo, somos um*.

Dayana escreve deliberadamente "tudo, somos um" e não "todos somos um", e esta distinção é fundamental.

Tudo remete para a totalidade, não simplesmente para uma soma de indivíduos, mas para o conjunto integral dentro do qual existem. A frase termina, além disso, com outra palavra no singular: um.

No entanto, entre essas duas singularidades, introduz um verbo no plural: somos.

Em vez de declarar "tudo é um", o verbo no plural permite-nos reconhecer-nos dentro dessa totalidade como pessoas distintas, cada uma com a sua própria história, o seu próprio corpo e as suas próprias memórias.

As duas faces da pintura reforçam esta ideia: não podemos contemplar ambas simultaneamente e, no entanto, pertencem ao mesmo objeto, cuja unidade depende diretamente da sua dualidade.

Nove anos, uma história coletiva

Nenhuma destas obras ilustra as outras.

Cada uma conserva a sua própria linguagem artística, as suas próprias perguntas, as suas próprias tensões e contradições.

No entanto, juntas permitem-nos reconhecer algo que talvez permanecesse menos visível se considerássemos cada obra separadamente.

Talvez seja também isto que uma galeria faz.

Reúne práticas artísticas que não partilham necessariamente uma linguagem, um meio ou uma compreensão comum do mundo.

Cria um espaço onde as diferenças se podem encontrar.

Por vezes, estes encontros produzem harmonia.

Por vezes, geram fricções.

Por vezes, questionam as nossas convicções ou obrigam-nos a reconsiderar aquilo que julgávamos compreender.

Mas cada encontro deixa alguma coisa.

Um vestígio.

Uma influência.

Uma transformação.

Ao longo de nove anos, a LEHMANN foi moldada por inúmeros encontros desta natureza.

Apresentámos numerosos artistas, organizámos exposições, participámos em feiras, colaborámos com instituições e recebemos pessoas de diferentes lugares, gerações e origens.

Alguns permaneceram próximos de nós.

Outros seguiram caminhos diferentes.

Mas cada um contribuiu com algo para a nossa história.

E essa história pertence-lhes, em certa medida, a todos.

Quis que esta exposição reconhecesse esse facto tão simples.

Não através de uma retrospetiva daquilo que realizámos, nem de um inventário de exposições, conquistas ou acontecimentos importantes.

Mas através das obras de cinco artistas que, apesar das suas abordagens tão diferentes, nos recordam as relações que tornam a existência possível.

Há também algo de significativo em trazer estas obras de volta a casa.

Viajaram.

Encontraram outros públicos, outros espaços, outros contextos.

E agora regressam à galeria, trazendo consigo algo dessas experiências.

Tal como acontece connosco.

Porque também nós somos transformados por cada encontro, cada viagem, cada pessoa que entra nas nossas vidas.

Nunca voltamos a ser exatamente os mesmos que

éramos antes.

E talvez seja isso que estes nove anos me ensinaram com maior clareza.

Que nada daquilo que construímos foi construído por nós sozinhos.

Que cada conquista contém o esforço de muitos.

Que cada ideia transporta consigo os vestígios de outras ideias.

Que toda a criação artística pertence a uma história mais ampla do que ela própria.

E que cada indivíduo, por mais distinto que seja, participa numa totalidade que se estende muito para além daquilo que qualquer um de nós consegue percecionar.

Não somos um porque sejamos iguais.

Somos um porque somos inseparáveis.

Por isso, ao celebrarmos os nove anos da LEHMANN, quero agradecer a todas as pessoas que fizeram parte deste percurso.

Aos artistas, acima de tudo.

À nossa equipa.

Aos nossos colecionadores e colaboradores.

Às instituições que nos acompanharam.

Aos nossos vizinhos, amigos e famílias.

E a cada visitante que atravessou o nosso limiar, trazendo consigo algo de si próprio para este espaço.

Todos contribuíram para fazer da LEHMANN aquilo que é hoje.

E continuarão a fazer parte daquilo em que se tornará.

Em cada exposição.

Em cada encontro.

Em cada pergunta.

Em cada gesto.

Em cada respiração.

Tudo, somos um.

Frederick Lehmann
Porto, novembro de 2026

01.
DIANA POLICARPO
Many Become One, 2026
Técnica mista sobre papel Fabriano 200 g/m² em caixa de luz com moldura de alumínio e LED
52 × 39,9 cm

02.
ALICE DOS REIS
Digestive system in a circle #1, 2026
Bordado em fio de algodão sobre juta, moldura em mogno
87 × 95 cm

03.
ALICE DOS REIS
Digestive system in a circle #2, 2026
Bordado em fio de algodão sobre juta, moldura em mogno
87 × 95 cm

04.
ALICE DOS REIS
Digestive system in a circle #3, 2026
Bordado em fio de algodão sobre juta, moldura em mogno
87 × 95 cm

05.
ALICE DOS REIS
O Prado | *The Prado*, 2026
Filme 16mm e vídeo digital de 2 canais, cor, som, Ed. 1/3 + 1 PA
5’46”

06.
ALICE DOS REIS
Sand clock #4, 2026
Bordado em fio de algodão sobre juta, moldura em mogno
12,4 × 22 cm

07.
ALICE DOS REIS
Sand clock #2, 2026
Bordado em fio de algodão sobre juta, moldura em mogno
12,4 × 22 cm

08.
ALICE DOS REIS
Sand clock #11, 2026
Bordado em fio de algodão sobre juta, moldura em mogno
12,4 × 22 cm

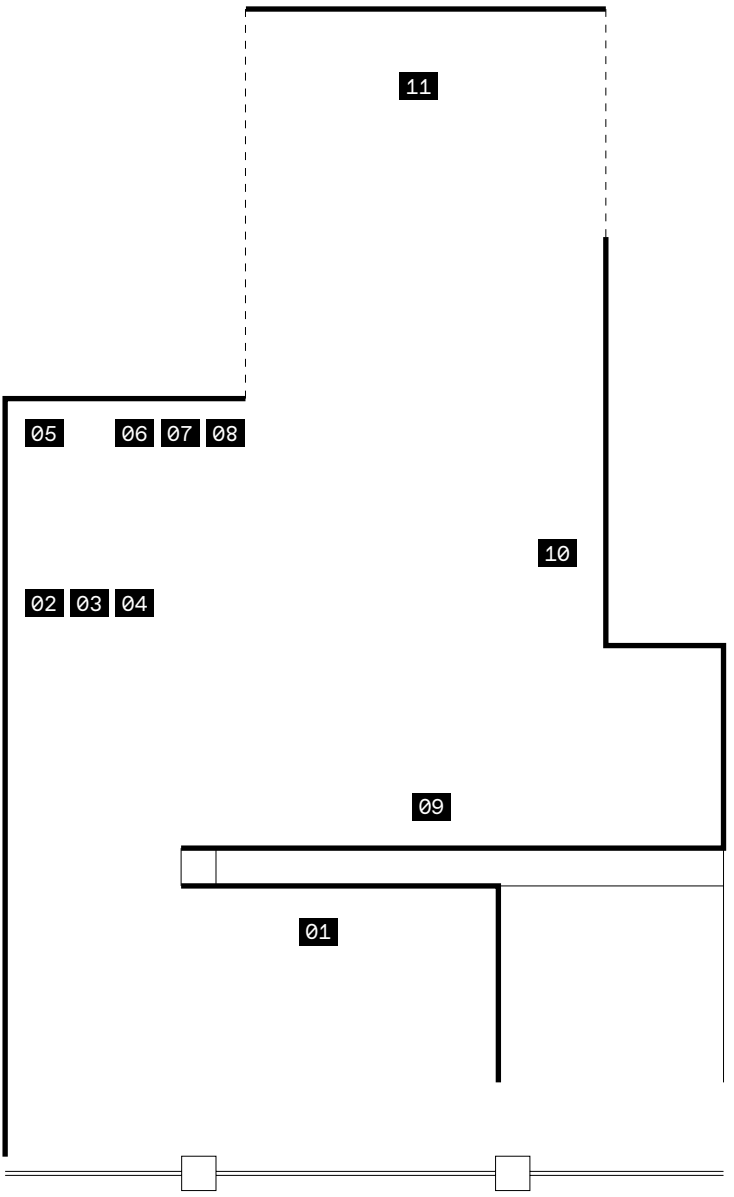
09.
MARLON DE AZAMBUJA
Nocturna, 2024
Spray de baixa pressão e folhas naturais em alumínio (emoldurado)
200 × 160 cm

10.
JOÃO GABRIEL
Max, 2024
Óleo sobre tela
145 × 170 cm

11.
DAYANA LUCAS
ROKA-MÃE (Tudo), 2020
Esmalte sobre contraplacado (frente e verso)
125 × 125 cm

PISO

0



gallery@lehmanncontemporary.com
T +351 220 167 341

lehmanncontemporary.com

Lehmann

Alice dos Reis | Dayana Lucas
Diana Policarpo | João Gabriel
Marlon de Azambuja
tudo, somos um

21.11.2026 16.01.2027

[ES]

gallery@lehmanncontemporary.com
T +351 220 167 341
lehmanncontemporary.com

[ES]

tudo, somos um

Nueve años de LEHMANN

Nueve años.

Nueve años de exposiciones, encuentros, conversaciones, descubrimientos, desacuerdos, preguntas, desafíos y, sobre todo, relaciones.

El 11 de noviembre de 2017 inauguramos la primera exposición de LEHMANN. Al cumplirse nueve años de aquella apertura, quise conmemorar la ocasión con una exposición que fuera, al mismo tiempo, una celebración y una oportunidad para reflexionar sobre lo que hemos construido juntos.

La idea inicial era sencilla: traer de regreso a casa obras de cinco artistas que representamos y que, a pesar de haber sido presentadas en otros lugares, nunca habían sido expuestas dentro de las paredes de nuestra galería.

Tres obras individuales, de Diana Policarpo, João Gabriel y Marlon de Azambuja, nos han acompañado a ferias internacionales de arte durante 2025 y 2026. Una cuarta contribución consiste en una selección de seis bordados y una película de dos canales de Alice dos Reis, provenientes de su presentación en Artissima 2026. La obra de Dayana Lucas, por su parte, fue presentada anteriormente en el Centro Internacional das Artes José de Guimarães, en 2023.

Todas han formado parte de nuestra trayectoria artística, pero ninguna había tenido la oportunidad de encontrarse con nuestro público aquí, en el espacio donde se ha desarrollado buena parte de nuestra historia colectiva.

Quise reunirlas, darles un lugar dentro de la galería y, quizás, al hacerlo, traer también de regreso a casa algo de nuestra propia historia.

Sin embargo, a medida que comencé a considerar estas obras en conjunto, surgió otra idea.

Lo que inicialmente parecía una reunión de obras con historias, materiales, lenguajes e intenciones artísticas diferentes fue revelando gradualmente un hilo conductor: la imposibilidad de existir completamente solos.

Y esto me llevó a pensar en lo que realmente representan estos nueve años de LEHMANN.

Porque cuando digo nosotros, no me refiero únicamente a la galería ni a quienes trabajamos en ella.

Me refiero a los artistas, que siempre han estado en el centro de todo lo que hacemos. Me refiero a nuestro equipo, tanto a quienes nos acompañan hoy como a quienes lo hicieron en el pasado, cuya dedicación, inteligencia, paciencia y entusiasmo han hecho posible tantas cosas. Me refiero a los coleccionistas que han depositado su confianza en nosotros, a las instituciones con las que hemos colaborado, a los curadores, críticos, escritores y colegas de otras galerías con quienes hemos intercambiado ideas.

Me refiero a nuestros vecinos, nuestros amigos, nuestras familias y a todas las personas que han cruzado nuestras puertas, ya sea para adquirir una obra, descubrir a un artista, cuestionar una idea, formular una pregunta o, sencillamente, compartir un momento con nosotros.

Cada uno ha aportado algo.

Un esfuerzo. Un gesto. Una pregunta. Una crítica. Una palabra de aliento. Un momento de generosidad.

Y cada una de estas contribuciones se ha convertido en parte de lo que LEHMANN es hoy.

La galería no existiría tal como la conocemos sin ellos.

En este sentido, *tudo, somos um* es, ante todo, un reconocimiento a un logro colectivo.

Pero las obras de estos cinco artistas nos invitan a llevar esta reflexión considerablemente más lejos.

MANY BECOME ONE — DIANA POLICARPO

La exposición comienza incluso antes de entrar a la galería. Visible a través de la vitrina que da a la calle, *Many Become One* (2026), de Diana Policarpo, perteneciente a su serie *Cynara Complex*, emerge a medida que se desvanece la luz del día y las tardes de otoño se vuelven más oscuras. Me gusta pensar en ella como un faro: un pequeño e insistente punto de luz que nos guía hacia un puerto seguro donde podemos encontrarnos con los demás y reconocernos como parte de algo más grande.

Desarrollada a partir de una investigación sobre las consecuencias ecológicas de la actividad minera en la región de Viseu, *Cynara Complex* explora las interrelaciones entre la vida humana, las plantas, los microorganismos y los minerales. En el centro de esta investigación se encuentra *Cynara cardunculus*, el cardo silvestre, una planta resistente, capaz de sobrevivir en terrenos degradados y contribuir a la regeneración del suelo.

Diana aborda la simbiosis como una condición fundamental de la existencia y muestra cómo la vida surge a través de innumerables intercambios invisibles de materia, energía e información.

Como un faro, la obra no disipa la oscuridad que la rodea ni explica todo aquello que permanece más allá de nuestra percepción inmediata. En cambio, nos ofrece un punto de orientación desde el cual podemos aproximarnos a una costa vasta y desconocida.

TODOS SOMOS CANIBAIS — ALICE DOS REIS

Alice dos Reis aborda la unidad a través de la historia, el tiempo y, de manera inesperada, el canibalismo.

En su reciente presentación en Artissima, construyó una ficción artística alrededor de la desaparición de *Saturno devorando a su hijo*, de Francisco de Goya, del Museo Nacional del Prado.

Su película de dos canales, *O Prado / The Prado* (2026), se presenta junto a relojes de arena bordados y dispuestos horizontalmente, como si el tiempo mismo hubiera quedado suspendido, y bordados de mayor formato que representan el sistema digestivo humano.

Aquí, el Prado se convierte en una metáfora de una colección caníbal.

Los artistas siempre han consumido a sus predecesores, digiriendo imágenes, técnicas y contradicciones anteriores para producir obras que las generaciones futuras, inevitablemente, consumirán a su vez.

Ningún gesto artístico surge del vacío.

En un sentido más amplio, todos funcionamos de esta manera: absorbemos las enseñanzas, los afectos y las historias de los demás, transformándolos en algo que vuelve a incorporarse al mundo.

Los tractos digestivos bordados por Alice trazan círculos que nunca llegan a cerrarse por completo, dejando aberturas por las cuales las cosas pueden entrar y salir.

Así como el cuerpo ingiere, transforma y expulsa, la creación artística convierte aquello que alguna vez estuvo fuera de nosotros en parte de lo que somos, mientras devuelve a los demás una parte de nosotros mismos.

O DESEJO DE NOS TORNARMOS UM — JOÃO GABRIEL

Con *Max* (2024), de João Gabriel, la exposición se desplaza hacia el territorio íntimo del deseo.

Dos jóvenes yacen juntos, con una desnudez desprovista de defensas, rodeados de rojos, rosados y ocres cálidos.

La pintura deja deliberadamente sin resolver si estamos presenciando el instante inmediatamente anterior a un abrazo o la quietud silenciosa que viene después.

Lo que me atrae de esta obra es precisamente ese umbral suspendido, en el que dos personas comparten una cercanía tan profunda que los límites entre ellas comienzan a desdibujarse.

Su erotismo se sitúa claramente en el terreno de la ternura y captura un instante en el que la intensidad física da paso a una revelación emocional.

El deseo es, con frecuencia, el anhelo de superar la distancia que nos separa del otro: el deseo de que dos lleguen a ser uno, aunque dos individuos nunca puedan fundirse literalmente.

Esa tensión es lo que hace del deseo algo tan profundamente humano: el anhelo de una unidad que puede experimentarse en instantes fugaces, sin borrar jamás las diferencias ni poseer permanentemente al otro.

ENTRAR NA NOITE — MARLON DE AZAMBUJA

Nocturna (2024), de Marlon de Azambuja, desplaza la escala desde la intimidad de dos cuerpos hacia la inmensidad del mundo natural.

Sobre una oscuridad casi absoluta, las hojas de un bosque tropical emergen, se superponen y retroceden, sin ofrecer horizonte, camino definido ni un punto de observación tranquilizador.

En el bosque nocturno, la visión pierde su autoridad y nos hace profundamente conscientes de nuestra vulnerabilidad dentro de un entorno cuya escala y cuyos misterios exceden nuestra capacidad de comprensión.

El bosque de noche suele producirnos temor porque estamos acostumbrados a considerarnos observadores separados de la naturaleza, enfrentados a algo vasto y ajeno.

Sin embargo, ese temor comienza a transformarse cuando reconocemos que nuestros propios cuerpos, nuestra respiración y nuestros sentidos son expresiones de ese mismo mundo viviente.

La oscuridad permanece y el bosque sigue siendo inmenso, pero estar dentro de él deja de sentirse como una confrontación y se convierte en una serena sensación de pertenencia.

TUDO, SOMOS UM — DAYANA LUCAS

La exposición toma su título de *ROKA-MÃE (Tudo)* (2020), de Dayana Lucas, una pintura de dos caras.

En una de ellas, unas líneas rojas trazan amplios gestos circulares que se aproximan y se superponen sin llegar nunca a tocarse, conservando sus trayectorias individuales mientras conforman un conjunto coherente.

En el reverso aparece una frase escrita a mano: *tudo, somos um*.

Dayana escribe deliberadamente *tudo, somos um* y no *todos somos um*, y esta distinción es fundamental.

Tudo remite a la totalidad, no simplemente a una suma de individuos, sino al conjunto íntegro dentro del cual existen. La frase concluye, además, con otra palabra singular: *um*.

Sin embargo, entre esas dos singularidades, introduce un verbo en plural: *somos*.

En lugar de declarar *tudo é um*, es decir, «todo es uno», el verbo en plural nos permite reconocernos dentro de esa totalidad como personas distintas, cada una con su propia historia, su propio cuerpo y sus propios recuerdos.

Las dos caras de la pintura refuerzan esta idea: no podemos contemplar ambas simultáneamente y, sin embargo, pertenecen al mismo objeto, cuya unidad depende directamente de su dualidad.

Nueve años, una historia colectiva

Ninguna de estas obras ilustra a las demás.

Cada una conserva su propio lenguaje artístico, sus propias preguntas, sus propias tensiones y contradicciones.

Sin embargo, juntas nos permiten reconocer algo que quizás permanecería menos visible si consideráramos cada obra por separado.

Quizás esto sea también lo que hace una galería.

Reúne prácticas artísticas que no necesariamente comparten un lenguaje, un medio o una comprensión común del mundo.

Crea un espacio en el que las diferencias pueden encontrarse.

A veces, estos encuentros producen armonía.

A veces, generan fricciones.

A veces, cuestionan nuestras convicciones o nos obligan a reconsiderar aquello que creíamos comprender.

Pero cada encuentro deja algo.

Una huella.

Una influencia.

Una transformación.

A lo largo de nueve años, LEHMANN ha sido moldeada por innumerables encuentros de esta naturaleza.

Hemos presentado a numerosos artistas, organizado exposiciones, participado en ferias, colaborado con instituciones y recibido a personas de diferentes lugares, generaciones y procedencias.

Algunos han permanecido cerca de nosotros.

Otros han seguido caminos diferentes.

Pero cada uno ha aportado algo a nuestra historia.

Y esa historia les pertenece, en alguna medida, a todos ellos.

Quise que esta exposición reconociera ese hecho tan sencillo.

No mediante una retrospectiva de lo que hemos realizado, ni a través de un inventario de exposiciones, logros o acontecimientos importantes.

Sino a través de las obras de cinco artistas que, a pesar de sus aproximaciones tan diferentes, nos recuerdan las relaciones que hacen posible la existencia.

Hay también algo significativo en traer estas obras de regreso a casa.

Han viajado.

Se han encontrado con otros públicos, otros espacios, otros contextos.

Y ahora regresan a la galería, trayendo consigo algo de aquellas experiencias.

Tal como nos sucede a nosotros.

Porque también nosotros somos transformados por cada encuentro, cada viaje, cada persona que entra en nuestras vidas.

Nunca volvemos a ser exactamente los mismos que éramos antes.

Y quizás eso sea lo que estos nueve años me han enseñado con mayor claridad.

Que nada de lo que hemos construido lo hemos construido solos.

Que cada logro contiene el esfuerzo de muchos.

Que cada idea lleva consigo las huellas de otras ideas.

Que toda creación artística pertenece a una historia más amplia que ella misma.

Y que cada individuo, por distinto que sea, participa de una totalidad que se extiende mucho más allá de lo que cualquiera de nosotros puede percibir.

No somos uno porque seamos iguales.

Somos uno porque somos inseparables.

Por eso, al celebrar los nueve años de LEHMANN, quiero agradecer a todas las personas que han formado parte de este recorrido.

A los artistas, ante todo.

A nuestro equipo.

A nuestros coleccionistas y colaboradores.

A las instituciones que nos han acompañado.

A nuestros vecinos, amigos y familias.

Y a cada visitante que ha cruzado nuestro umbral, trayendo consigo algo de sí mismo a este espacio.

Todos ustedes han contribuido a hacer de LEHMANN lo que es hoy.

Y seguirán formando parte de aquello en lo que se convertirá.

En cada exposición.

En cada encuentro.

En cada pregunta.

En cada gesto.

En cada respiración.

Tudo, somos um.

Frederick Lehmann
Porto, noviembre de 2026

01.
DIANA POLICARPO
Many Become One, 2026
Técnica mixta sobre papel Fabriano 200 g/m² en caja de luz con marco de aluminio y LED
52 × 39,9 cm

02.
ALICE DOS REIS
Digestive system in a circle #1, 2026
Bordado en hilo de algodón sobre yute, marco de caoba
87 × 95 cm

03.
ALICE DOS REIS
Digestive system in a circle #2, 2026
Bordado en hilo de algodón sobre yute, marco de caoba
87 × 95 cm

04.
ALICE DOS REIS
Digestive system in a circle #3, 2026
Bordado en hilo de algodón sobre yute, marco de caoba
87 × 95 cm

05.
ALICE DOS REIS
O Prado | *The Prado*, 2026
Película de 16 mm y vídeo digital de 2 canales, color, sonido, Ed. 1/3 + 1 PA
5’46”

06.
ALICE DOS REIS
Sand clock #4, 2026
Bordado en hilo de algodón sobre yute, marco de caoba
12,4 × 22 cm

07.
ALICE DOS REIS
Sand clock #2, 2026
Bordado en hilo de algodón sobre yute, marco de caoba
12,4 × 22 cm

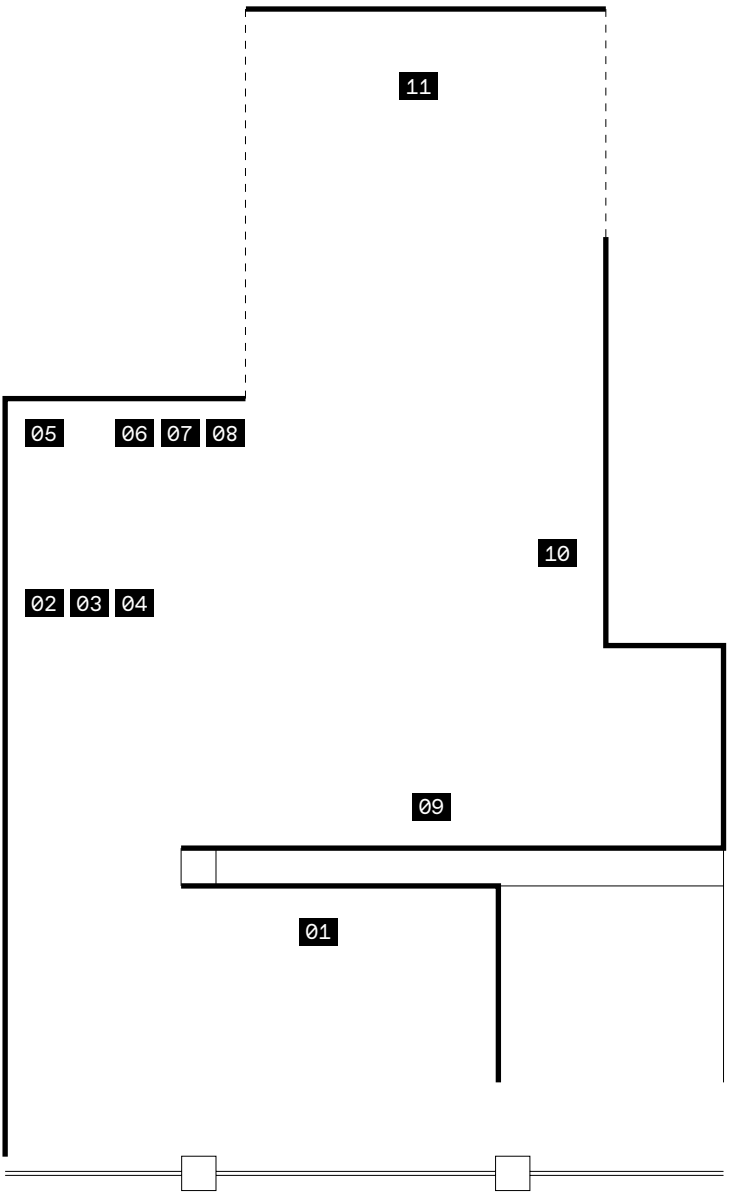
08.
ALICE DOS REIS
Sand clock #11, 2026
Bordado en hilo de algodón sobre yute, marco de caoba
12,4 × 22 cm

09.
MARLON DE AZAMBUJA
Nocturna, 2024
Spray de baja presión y hojas naturales
en aluminio (enmarcado)
200 × 160 cm

10.
JOÃO GABRIEL
Max, 2024
Óleo sobre lienzo
145 × 170 cm

11.
DAYANA LUCAS
ROKA-MÃE (Tudo), 2020
Esmalte sobre contrachapado
(anverso y reverso)
125 × 125 cm

PLANTA



gallery@lehmanncontemporary.com
T +351 220 167 341

lehmanncontemporary.com

Lehmann

Alice dos Reis | Dayana Lucas
Diana Policarpo | João Gabriel
Marlon de Azambuja
tudo, somos um

21.11.2026 16.01.2027

[EN]

gallery@lehmanncontemporary.com
T +351 220 167 341
lehmanncontemporary.com

[EN]

tudo, somos um
Nine Years of LEHMANN

Nine years.

Nine years of exhibitions, encounters, conversations, discoveries, disagreements, questions, challenges, and, above all, relationships.

On 11 November 2017, we inaugurated the first exhibition at LEHMANN. As we reach the ninth anniversary of that opening, I wanted to mark the occasion with an exhibition that would be both a celebration and an opportunity to reflect on what we have built together.

The initial idea was simple: to bring home works by five artists we represent that, despite having been presented elsewhere, had never been exhibited within the walls of our gallery.

Three individual works, by Diana Policarpo, João Gabriel, and Marlon de Azambuja, have travelled with us to international art fairs during 2025 and 2026. A fourth contribution consists of a selection of six embroideries and a two-channel film by Alice dos Reis, drawn from her presentation at Artissima 2026. The work by Dayana Lucas, meanwhile, was previously presented at the Centro Internacional das Artes José de Guimarães in 2023.

All have been part of our artistic journey, yet none has had the opportunity to encounter our public here, in the space where so much of our collective history has unfolded.

I wanted to bring them together, to give them a place within the gallery, and perhaps, in doing so, to bring something of our own history back home.

But as I began to consider these different works together, another idea emerged.

What initially appeared to be a gathering of works with different histories, materials, languages, and artistic intentions gradually revealed a common thread: the impossibility of existing entirely alone.

And this led me to think about what nine years of LEHMANN really represent.

Because when I say we, I do not mean only the gallery or those who work here.

I mean the artists, who have always been at the centre of everything we do. I mean our team, past and present, whose dedication, intelligence, patience, and enthusiasm have made so much possible. I mean the collectors who have trusted us, the institutions with which we have collaborated, the curators, critics, writers, and fellow galleries with whom we have exchanged ideas.

I mean our neighbours, our friends, our families, and everyone who has entered our doors, whether to acquire a work, discover an artist, challenge an idea, ask a question, or simply spend time with us.

Each has contributed something.

An effort. A gesture. A question. A criticism. An encouragement. A moment of generosity.

And each of these contributions has become part of what LEHMANN is today.

The gallery would not exist as we know it without them.

In this sense, *tudo, somos um* is first and foremost an acknowledgment of a collective achievement.

But the works of these five artists invite us to take this thought considerably further.

MANY BECOME ONE — DIANA POLICARPO

The exhibition begins before you even step inside. Visible through the gallery's street-facing window, Diana Policarpo's *Many Become One* (2026), from her *Cynara Complex* series, emerges as daylight fades and autumn evenings grow darker. I like to think of it as a lighthouse—a small, insistent point of light guiding us toward a safe harbour where we can encounter others and recognise ourselves as part of something larger.

Developed through research into the ecological aftermath of mining in the Viseu region, *Cynara Complex* investigates the entanglement of human life, plants, microorganisms, and minerals. At the centre of this research is *Cynara cardunculus*, the wild cardoon, a resilient plant capable of surviving in damaged terrain and regenerating the soil.

Diana approaches symbiosis as a fundamental condition of existence, showing how life emerges through countless invisible exchanges of matter, energy, and information.

Like a lighthouse, the work does not dispel the surrounding darkness or explain everything beyond our immediate perception; instead, it offers a point of orientation from which to face a vast, unfamiliar coastline.

TODOS SOMOS CANIBAIS — ALICE DOS REIS

Alice dos Reis approaches unity through history, time, and, unexpectedly, cannibalism.

In her recent Artissima presentation, she constructed an artistic fiction around the disappearance of Francisco de Goya's *Saturn Devouring His Son* from the Museo Nacional del Prado.

Her two-channel film, *O Prado | The Prado* (2026), is paired with embroidered hourglasses turned horizontally—as though time itself had been suspended—alongside larger embroideries depicting the human digestive system.

Here, the Prado becomes a metaphor for a cannibalistic collection.

Artists have always consumed their predecessors, digesting earlier images, techniques, and contradictions to produce work that future generations will inevitably consume in turn.

No artistic gesture begins from a vacuum.

In a broader sense, we all operate this way: we absorb the teachings, affections, and histories of others, transforming them into something that re-enters the world.

Alice's embroidered digestive tracts trace circles that never quite close, leaving openings for things to enter and leave.

Just as the body ingests, transforms, and expels, artistic creation turns what was once outside us into part of who we are, while releasing a piece of ourselves back to others.

O DESEJO DE NOS TORNARMOS UM — JOÃO GABRIEL

With João Gabriel's *Max* (2024), the exhibition turns toward the intimate territory of desire.

Two young men lie together, their nakedness unguarded amid warm reds, pinks, and ochres.

The painting deliberately leaves it unresolved whether we are witnessing the moment just before an embrace or the quiet stillness that follows.

What draws me to the work is this suspended threshold, where two people inhabit such closeness that the borders between them begin to blur.

Its eroticism sits firmly in the register of tenderness, capturing an instant where physical intensity opens into emotional revelation.

Desire is often a longing to bridge the distance between oneself and another—a wish for two to become one, even though two individuals never literally merge.

That tension is what makes desire so deeply human: yearning for a unity that can be felt in fleeting moments, without ever erasing difference or permanently possessing the other.

ENTRAR NA NOITE — MARLON DE AZAMBUJA

Marlon de Azambuja's *Nocturna* (2024) shifts the scale from the intimacy of two bodies to the immensity of the natural world.

Against an almost absolute blackness, the leaves of a tropical forest emerge, overlap, and recede, offering no horizon, clear path, or reassuring vantage point.

In the nocturnal forest, vision loses its authority, leaving us acutely aware of our vulnerability inside an environment whose scale and mysteries exceed our grasp.

The forest at night often frightens us because we habitually treat ourselves as detached observers confronting something vast and alien.

Yet that fear begins to shift once we recognise that our own bodies, breath, and senses are expressions of that very same living world.

The darkness remains, and the forest stays immense, but standing within it feels less like a confrontation and more like a quiet sense of belonging.

TUDO, SOMOS UM — DAYANA LUCAS

The exhibition takes its title from Dayana Lucas's *ROKA-MÃE (Tudo)* (2020), a double-sided painting.

On one side, red lines trace broad circular gestures that approach and overlap without ever touching—retaining their individual trajectories while forming a coherent whole.

On the reverse appears a handwritten phrase: tudo, somos um.

Dayana deliberately writes tudo, somos um rather than todos somos um, and that distinction is crucial.

Tudo points to the whole—not merely a headcount of individuals, but the entire totality within which they exist—while the sentence closes on another singular word: *um*.

Between those two singularities, however, she places a plural verb: *somos* ("we are").

Rather than declaring *tudo é um* ("everything is one"), the plural verb lets us locate ourselves inside that totality as distinct people carrying our own histories, bodies, and memories.

The painting's two sides reinforce this idea: we cannot view both faces at once, yet they belong to the same object whose unity relies directly on its duality.

Nine Years, One Collective History

None of these works illustrates the others.

Each retains its own artistic language, its own questions, its own tensions and contradictions.

Yet together they allow us to recognize something that might remain less visible in each work considered separately.

Perhaps this is also what a gallery does.

It brings together artistic practices that do not necessarily share a language, a medium, or a common understanding of the world.

It creates a space in which differences can encounter one another.

Sometimes these encounters produce harmony.

Sometimes they generate friction.

Sometimes they challenge our convictions or force us to reconsider what we thought we understood.

But each encounter leaves something behind.

A trace.

An influence.

A transformation.

Over nine years, LEHMANN has been shaped by innumerable encounters of this kind.

We have presented many artists, organized exhibitions, participated in fairs, collaborated with institutions, and welcomed people from different places, generations, and backgrounds.

Some have remained close to us.

Others have continued along different paths.

But each has contributed something to our history.

And that history belongs, in some measure, to all of them.

I wanted this exhibition to acknowledge that simple fact.

Not through a retrospective of what we have accomplished, nor through an inventory of exhibitions, achievements, or milestones.

But through the works of five artists who, despite their very different approaches, remind us of the relationships that make existence possible.

There is also something meaningful in bringing these works home.

They have travelled.

They have encountered other audiences, other spaces, other contexts.

And now they return to the gallery, carrying with them something of those experiences.

Just as we do.

Because we, too, are transformed by every encounter, every journey, every person who enters our lives.

We are never quite the same as we were before.

And perhaps that is what these nine years have taught me most clearly.

That nothing we have built has been built alone.

That every achievement contains the efforts of many.

That every idea carries the traces of other ideas.

That every artistic creation belongs to a history larger than itself.

And that every individual, however distinct, participates in a whole that extends far beyond what any one of us can perceive.

We are not one because we are the same.

We are one because we are inseparable.

And so, as we celebrate nine years of LEHMANN, I want to thank everyone who has been part of this journey.

The artists, above all.

Our team.

Our collectors and collaborators.

Our institutional partners.

Our neighbours, friends, and families.

And every visitor who has crossed our threshold, bringing something of themselves into this space.

You have all contributed to making LEHMANN what it is.

And you will continue to be part of what it becomes.

In every exhibition.

In every encounter.

In every question.

In every gesture.

In every breath.

Tudo, somos um.

Frederick Lehmann
Porto, November 2026

01.
DIANA POLICARPO
Many Become One, 2026
Mixed media on 200 gsm Fabriano paper
in light box with aluminium frame and LED
52 × 39,9 cm

02.
ALICE DOS REIS
Digestive system in a circle #1, 2026
Cotton thread embroidery on jute,
mahogany frame
87 × 95 cm

03.
ALICE DOS REIS
Digestive system in a circle #2, 2026
Cotton thread embroidery on jute,
mahogany frame
87 × 95 cm

04.
ALICE DOS REIS
Digestive system in a circle #3, 2026
Cotton thread embroidery on jute,
mahogany frame
87 × 95 cm

05.
ALICE DOS REIS
O Prado | *The Prado*, 2026
16mm film and 2-channel digital video, colour, sound, Ed. 1/3 + 1 AP
5’46”

06.
ALICE DOS REIS
Sand clock #4, 2026
Cotton thread embroidery on jute, mahogany frame
12,4 × 22 cm

07.
ALICE DOS REIS
Sand clock #2, 2026
Cotton thread embroidery on jute, mahogany frame
12,4 × 22 cm

08.
ALICE DOS REIS
Sand clock #11, 2026
Cotton thread embroidery on jute, mahogany frame
12,4 × 22 cm

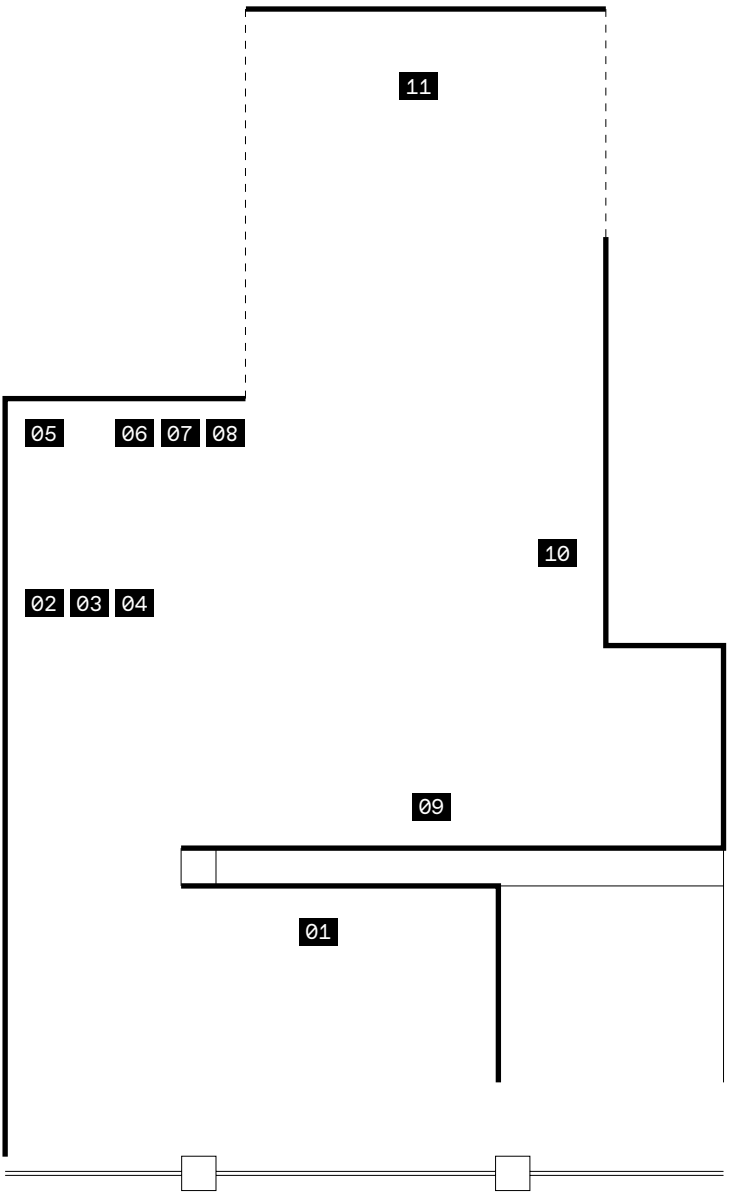
09.
MARLON DE AZAMBUJA
Nocturna, 2024
Low pressure spray and natural leaves
on aluminium (framed)
200 × 160 cm

10.
JOÃO GABRIEL
Max, 2024
Oil on canvas
145 × 170 cm

11.
DAYANA LUCAS
ROKA-MÃE (Tudo), 2020
Enamel paint on plywood (double-sided)
125 × 125 cm

FLOOR

0



gallery@lehmanncontemporary.com
T +351 220 167 341

lehmanncontemporary.com